



## A AUTOFORMAÇÃO E A ÉTICA DO SER EDUCADOR

Adriana Salete Loss - UFFS<sup>1</sup>

Ana Paula Viana Caetano – IE/UL<sup>2</sup>

Grupo - Formação de Professores e Profissionalização Docente  
Agência Financiadora - CAPES

### Resumo

O estudo “A autoformação e a ética do ser educador” apresenta-se como parte da investigação realizada no processo pós-doutoral, financiado pela CAPES, a partir do problema: Como a autoformação pode contribuir na formação ética do educador? O trabalho de investigação foi desenvolvido com estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira (UFFS) e educadores em formação continuada e, com estudantes e educadores já diplomados da Universidade de Lisboa/Portugal (UL), tendo como objetivo geral, identificar a partir de vivências práticas as contribuições da autoformação para a construção ética do ser educador. O estudo constituiu-se a partir da metodológica da pesquisa-formação, fundamentada em Josso (2004), e que tem como procedimento as narrativas. Assim, a relevância do estudo encontra-se na necessidade dos cursos de formação de professores investirem em processos educativos e formativos do cuidado de si, do outro e da profissão. O cuidar tem haver com a nossa capacidade de comprometimento e responsabilidade com o outro. A partir do trabalho de investigação, consideramos que o cuidar permanente necessita estar presente na relação do Eu consigo mesmo, do Eu com o outro, do Eu com a natureza, o planeta/cósmico e na relação do Eu com a profissão; em que se faz necessária a presença do comprometimento, da responsabilidade e da solidariedade. A dimensão ética reclama o pensamento reflexivo nos processos do autoconhecimento, da relação com o outro, da reflexão do antropológico, do epistemológico, do cosmológico, etc. Assim, o desenvolvimento pessoal, social e profissional requer o reconhecimento da “[...] trindade humana indivíduo/sociedade/espécie”, e nesta perspectiva, identificar que há “três direções éticas: uma auto-ética, uma ética para a sociedade, uma ética para a humanidade”, conforme Morin (2008, p. 174).

**Palavras-chave:** Formação de professores. Autoformação. Formação ética.

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação, bolsista do programa de pós-doutoramento no exterior, com financiamento da CAPES na Universidade de Lisboa/Portugal sob supervisão da professora Doutora Ana Paula Viana Caetano. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus de Erechim/RS. E-mail: [adriloss@uffs.edu.br](mailto:adriloss@uffs.edu.br).

<sup>2</sup>Doutora em Educação e professora do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa – UL/Portugal. E-mail: [apcaetano@ie.ulisboa.pt](mailto:apcaetano@ie.ulisboa.pt).

## Introdução

A proposta de estudo teve inicialmente como fundamento reflexões acerca da necessidade dos Cursos de Formação de Professores e/ou Educadores constituírem investimentos na formação humana ou no cuidado do Ser educador, a partir de vivências de autoformação, de modo a transcender a educação, enquanto instrução utilitarista, à educação que possibilita ao ser humano a sua presentificação com o mundo e com o outro.

Também, porque concebemos a pesquisa-formação como dispositivo educativo que propõe a orientação dos sujeitos à produção de conhecimento e do projeto de formação. Nesse sentido, o pesquisador-formador instiga o sujeito à construção do projeto de formação que dá sentido ao seu ato de aprender, no formar-se e transformar-se como pessoa.

A pesquisa-formação como um projeto de autoconhecimento sugere a constituição de um projeto de si auto-orientado, a partir do qual, entra “em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade” (JOSSO, 2004, p.60). Ou ainda como afirma a autora (2010, p. 121-122): “As Pesquisas-ações e as Pesquisas-formações são interexperiências da intersubjetividade, busca de uma troca inter-humana sobre os fatos de nossa humanidade, sobre nossas subjetividades genéricas e socioculturais”.

Os cursos de formação de professores ou de profissionais da educação, de modo geral, priorizam a profissionalização acadêmica e técnica de seus estudantes, e por vezes, secundarizam ou não dão atenção especial à formação pessoal e ética. Nesse sentido, sabemos que para o significativo desempenho profissional, na área da Educação formal ou não-formal, é imprescindível aos sujeitos, futuros profissionais, bem como aos atuantes da profissão, a ampliação das inteligências intra e interpessoais para a promoção do “saber cuidar” nas relações e na profissionalidade - o saber ético -, pois os mesmos serão formadores de outros sujeitos.

Com base nesses argumentos percorremos o estudo teórico e empírico tendo como questão problema: “Como a autoformação pode contribuir na formação ética do educador?”. Assim, para o estudo empírico desenvolvemos, primeiramente, uma formação para estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus de Erechim, localizado no Rio Grande do Sul, bem como, aos professores da rede de ensino público municipal e estadual de Erechim e, posteriormente, aos estudantes e educadores diplomados da Universidade de Lisboa (UL), a partir de oficinas pedagógicas de autoformação com o objetivo de promover vivências do saber cuidar de si, cuidar o outro e cuidar do profissional.

O estudo investigativo apresenta discussões parciais, tendo já ocorrido sua fase empírica no contexto brasileiro, na UFFS, mas, ainda, está em fase de desenvolvimento na UL/ Portugal.

Desse modo, apresentamos no texto uma breve fundamentação teórica, na sequência a descrição da metodologia de investigação e, por fim, algumas reflexões constituídas no processo formativo.

### **Fundamentação teórica**

Para as relações humanas o saber sensível é desafio cotidiano, pois como bem pontua Morin (2007), travamos todos os dias o homo demens e o homo sapiens, sapiens nas dimensões internas e externas de nossas relações. “A vida humana necessita da verificação empírica, da correção lógica, do exercício racional da argumentação. Mas precisa ser nutrida de sensibilidade e de imaginário”. (MORIN, 2007, p.122)

O princípio dialógico de Morin, do homo demens e homo sapiens, sapiens nos compromete a instigar a sensibilização e a responsabilidade do ser humano, na perspectiva de almejar um novo homem e uma nova mulher, uma nova sociedade e cultura.

A compreensão do complexo e do contraditório na construção do Eu, “eu interior” e “eu exterior”, requer a concepção de que na interação entre corpo, conhecimento, inteligência e desejo há a presença da consciência.

[...] a consciência é o produto e a produtora da reflexão; o termo reflexão pode ser considerado num sentido análogo ao do espelho ou da lente; mas, ao nível do espírito, a consciência é muito mais do que um jogo ótico: trata-se do retorno do espírito sobre si mesmo via linguagem; esse retorno permite um pensamento do pensamento capaz de retroagir sobre o pensamento e, em paralelo, possibilita um pensamento de si apto a retroagir sobre si. (MORIN, 2008, p. 209-210)

A tomada de consciência é um processo que o sujeito constitui a partir da ação comunicativa consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Nessa ação, o sujeito busca a compreensão da própria existência na articulação com outras vidas, ampliando, assim, o modo de se conceber e de se perceber na relação com o outro e com o mundo. Também é a compreensão do complexo e do contraditório na construção do Eu, “eu interior” e “eu exterior”. Para Morin (2008, p. 135-136): “A consciência é inseparável do pensamento, que é inseparável da linguagem. A consciência é a emergência do pensamento reflexivo do sujeito sobre si mesmo, sobre as suas operações, ações”.

Por isso, a necessidade do saber caminhar para si e constituir a auto-análise para compreensão de nossos sentimentos, pensamentos, ações e reações frente às diferentes realidades que se apresentam durante as mais variadas experiências do cotidiano vivido; na falta da reflexão corremos o risco de cairmos em muitos processos de cegueira pessoal e social.

A compreensão de si e do outro nas relações requer vigilância permanente, a reflexão crítica, para a construção de práticas éticas do Eu e do coletivo. Para Morin (2008, p.55),

Todos os desvios éticos vêm certamente de uma insuficiência de senso crítico e de uma dificuldade de obter conhecimento pertinente; essa insuficiência e essa dificuldade em combater a ilusão são inseparáveis de uma propensão interior à ilusão favorecida pelos nossos processos psíquicos de autocegueira, entre os quais a self-deception ou mentira para si mesmo.

As dificuldades do autoconhecimento e da auto-análise crítica correspondem à dificuldade da lucidez ética.

A interação e a comunicação entre os sujeitos, a qual permite a construção da intersubjetividade e da subjetividade humana como afirmação da identidade existencial e da construção da ética nas relações, requer o exercício constante da auto-análise; assim definida por Morin (2007, p. 95), “A auto-análise, praticada em permanência, pode e deve ser concebida como estado de vigilância sobre si mesmo”. Na sequência ele afirma:

a auto-análise é uma exigência primordial da cultura psíquica; deveria ser ensinada desde o começo do ensino fundamental para se tornar uma prática tão costumeira quanto a cultura física. (Morin, 2007, p. 95)

[...] a autocrítica torna-se assim uma cultura psíquica cotidiana mais necessária que a cultura física, uma higiene existencial que alimenta uma consciência em permanente vigilância. (Idem, p.96)

A busca do autoconhecimento, da tomada de consciência de si na relação com o outro constitui-se na experiência da auto-ética. “A auto-ética é, antes de tudo, uma ética de si para si que desemboca naturalmente numa ética para o outro” (MORIN, 2007, p. 93).

Ainda, Morin (2007, p. 93) apresenta o quadro da auto-ética:

1. A ética de si para si comporta
  - auto-análise
  - autocrítica
  - honra
  - tolerância
  - prática da recursão ética

- luta contra a moralina
- resistência à lei de talião e ao sacrifício do outro
- tomada de responsabilidade
- 2. Uma ética da compreensão
  - com a consciência da complexidade e dos desvios humanos
  - com a abertura à magnanimidade e ao perdão
- 3. Uma ética da cordialidade (com cortesia, civilidade)
- 4. Uma ética da amizade

Nesse sentido, a autoformação como parte do processo educativo, da construção da auto-ética, permite a sensibilização, a conscientização e a responsabilização, de modo a possibilitar a aprendizagem da importância do “caminhar para si e para o outro”. Ou, ainda, ao realizarmos experiências com o outro e com o mundo, elaboramos e recriamos o nosso mundo interior; vamos construindo nossa biografia pessoal.

A permanente realização prática da escuta, da conversa, do diálogo e das reflexões para promover vivências e experiências subjetivas e intersubjetivas de transformação. Pois, conforme Morin (2007, p. 94): “O exercício permanente da auto-observação suscita uma nova consciência de si que nos permite nos descentrar em relação a nós mesmos, logo de reconhecer o nosso egocentrismo e de medir o grau das nossas carências, lacunas, fraquezas”.

Olhar a vida a partir da lente *homo demens*, *sapiens sapiens*, significa compreender que o ser humano está em processo de expansão, no caminhar para tornar-se; é a experiência da auto-ética. “Ela exige, ao mesmo tempo, “trabalhar pelo pensar bem” e “pelo pensar-se bem”: a integração do observador na sua observação, o retorno sobre si mesmo para se objetivar, compreender-se e corrigir-se, o que constitui, simultaneamente, um princípio de pensamento e uma necessidade de ética” (Morin, 2007, p.93).

A religação *homo demens* e *homo sapiens* nos conduz à percepção de que a existência humana não é constituída de perfeições e de certezas. Por isso, é necessário o adentrar na caverna interior para a dialogia do humano bipolarizado entre *demens* e *sapiens*; na busca da transformação, da recriação do SER na relação consigo, com o outro e com o mundo.

Nesse sentido, é fundamental que no processo educativo haja um cuidado com o desenvolvimento humano no sentido da ética, do aprender e do vivenciar valores humanizantes nas diferentes relações, por exemplo, do Eu consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com o universo. Tal processo constitui-se na aprendizagem da percepção de que os seres humanos não são sujeitos separados de um real reduzido à categoria de objeto, muito menos a medida de todas as coisas, mas integrados num universo.

Todo ser educador antes de ser profissão, é Eu e Nós a partir do *homo demens* e *homo sapiens*; por isso, é convocado para o diálogo ético de sua dimensão pessoal e social para

assim construir-se enquanto profissional. O diálogo é o processo dinamizador da transformação do Eu e do Nós. É a ação comunicativa que nos predispõe ao confronto e ao reconhecimento do nosso Eu no outro e do outro no nosso Eu, de modo a constituir a percepção e compreensão de que somos contradição na teia complexa de nossas relações.

Nesse sentido, Caetano (2010, p. 47) nos diz que:

somos seres em relação, interdependentes e, por isso, dela responsáveis. Cada um de nós responsável pelo que acontece a sua volta. E essa responsabilidade, que também é um cuidado, está no cerne da educação e da ética que a atravessa.

A educação surge como responsabilidade e visa propagar essa responsabilidade naqueles que são seus alvos. A responsabilidade de sermos com os outros, parte de um todo. A responsabilidade de sermos em sintonia conosco próprios. É por isso que a responsabilidade é um princípio aberto, camaleão que ganha as cores dos valores a que se associa e que reflecte. A responsabilidade como uma exigência de agirmos de acordo com esses valores ou com as normas sociais dos contextos em que nos inserimos. A responsabilidade como liberdade e autonomia, encontrando os nossos sentidos.

Por fim, a dimensão ética do ser educador é construída a partir da sua ampliação de capacidade do reaprender a olhar, do cuidar e do respeitar a si mesmo e o outro. É ser um sujeito capaz de perceber-se como individual, mas que vive em relação com as demais, em que, “sensibilidade, prudência, solicitude ou bondade são marcas de uma ação eticamente investida e que requerem o exercício pessoal de uma consciência crítica” (BAPTISTA, 2005, p. 23).

### **Proposta metodológica do estudo empírico**

O desenvolvimento da investigação ocorreu por meio da metodologia qualitativa, na perspectiva da pesquisa-formação. A pesquisa-formação, com base em Josso (2004) é um processo que visa o autoconhecimento na relação dinâmica e ativa com o outro. Tem como princípio a autoformação que significa predispor o sujeito ao diálogo consigo mesmo e com o outro a partir das experiências vividas. Ela também é uma ação educativa que possibilita aos sujeitos o “caminhar para si”, como afirma Josso (2004), a partir do diálogo e da relação com o outro, para a construção de compreensões e para assumir responsabilidades frente à vida cotidiana. Assim, a pesquisa-formação tem como procedimento as narrativas.

A metodologia pesquisa-formação, da abordagem biográfica, com procedimento em narrativas, fundamenta-se no método de trabalho biográfico de seminários, assim definido por Josso (2010, P. 140):

a intenção desse seminário é oferecer aos participantes uma oportunidade de reflexão sobre o que foi formador em sua vida, de aproximar-se de uma compreensão dos componentes de seu processo de formação e de sua dinâmica, e de situar o ou os desafios de seus estudos universitários. O seminário é estruturado em 4 fases:

Durante a primeira fase, o (s) animador (es) introduz (em) a problemática da Biografia Educativa em relação às histórias de vida social, apresenta (m) a metodologia da Pesquisa-Formação, os termos do contrato e seus objetivos de conhecimento. Essa fase termina pela reformulação dos objetivos pelos participantes individualmente.

A segunda fase é centrada na expressão oral da narrativa de cada um e na escuta questionadora dos outros participantes. Uma sessão por narrativa, cujo acúmulo faz crescer o potencial de questionamento. Essa fase acaba pela escrita individual de sua narrativa.

Na fase 3, a narrativa de cada um, distribuída a todos os membros do grupo, é retrabalhada com a preocupação de iniciar o processo de compreensão da lógica de cada percurso e de interpretação dos componentes do processo de formação e de sua dinâmica.

Enfim, a quarta fase é consagrada ao balanço da experiência individual de cada um.

Desse modo, ao buscarmos fundamentos na vertente pedagógico-biográfico, aqui de modo particular nos estudos de Josso (2004, 2010), realizamos vivências práticas de autoformação de modo a contribuir para a formação pessoal/social/ética/profissional, tanto dos participantes/educadores em processo de formação inicial e dos já em processo de formação continuada.

O estudo empírico oriundo da proposta de formação foi desenvolvido a partir de oficinas pedagógicas de autoformação, para a promoção do desenvolvimento pessoal, social e profissional.

Anterior a realização prática das vivências de autoformação foi realizado um período de inscrição em que, no Brasil tivemos 25 participantes, entre estudantes do curso de Pedagogia da UFFS e professores da rede municipal e estadual de ensino de Erechim/RS, e em Lisboa na UL delimitamos as vagas de inscrição para 15 participantes, estes pertencentes aos seguintes mestrados, Mestrado de Educação, Mestrado em Ciências da Educação e Mestrado em Educação e Formação e, também, ampliamos para a participação de educadores já diplomados pela UL.

Para a experiência de autoformação com estudantes do curso de Pedagogia da UFFS e professores em exercício das escolas municipais e estaduais do município de Erechim/RS, as oficinas foram organizadas em três Módulos de autoformação, e cada módulo com 4 oficinas, totalizando 12 sessões, a se efetivar semanalmente e com duração de uma hora e meia. Já na experiência em andamento na UL/Portugal, as oficinas foram organizadas com os mesmos

módulos e objetivos desenvolvidos no Brasil, mas cada módulo com 3 oficinas, totalizando 9 oficinas, a se efetivar semanalmente e com duração de duas horas.

As oficinas foram constituídas de atividades diversas onde predominou o autoconhecimento, a leitura de textos, os diálogos e as reflexões das expressões das linguagens: narração oral e escrita, movimentos do corpo e dança, teatro, desenho, poesia, pintura e brincadeiras. As atividades desenvolvidas e em desenvolvimento nos diferentes espaços tiveram pequenas modificações, de modo especial na proposta dos textos para análise, de modo a respeitar a diversidade cultural e linguística.

Assim, as oficinas organizadas em três módulos, com seus respectivos princípios norteadores e objetivos, são assim apresentadas:

## **MÓDULO 1 – A CONSCIÊNCIA DE SI**

Princípio norteador: O desafio da humanidade é o próprio Ser humano que necessita se conhecer; o reconhecimento do Homo Demens que mora em cada ser humano. Que em suas fragilidades e/ou demências considera-se um deus diante da vida e das vidas. Também, é o caminhar para a ampliação da consciência de que somos HOMO Sapiens e Demens; é o dialogizar o Homo Demens, Sapiens Sapiens (LOSS, 2014).

Objetivo: Vivenciar e refletir a relação do Eu consigo próprio e com o outro, para a tomada de consciência de si, na perspectiva do autoconhecimento.

## **MÓDULO 2 – CONSCIÊNCIA DA RELAÇÃO COM O OUTRO**

Princípio norteador: Maturana (1997, p. 119) nos ajuda reafirmar que, “somos no corpo e relação (alma) o que pensamos que somos, o que queremos ser, o que não queremos ser, o que lamentamos não haver sido e o que nossa cultura é, tanto quanto o que chegamos a ser ao nos transformarmos, na reflexão, sobre o nosso ser e viver”. O que SOMOS, então? O constante “tornar-se”; isso significa que estamos no tempo e espaço repletos de possibilidades e, necessitamos escolher o que queremos SER. Na complexidade da existência, estamos imersos a várias probabilidades do que podemos nos tornar. Tudo depende de como dialogamos com nosso mundo interior e exterior; da escuta e atenção que damos para as experiências da vida cotidiana.

Objetivo: Refletir sobre as relações do Eu consigo mesmo, com o outro e com o planeta para a autocrítica e para a convivência social e planetária.



## MÓDULO 3 – A CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL

Princípio norteador: “A reflexão biográfica permite, então, explorar em cada um de nós (se nós somos capazes de imaginar e de acreditar na possibilidade de poder, querer e ter, a desenvolver ou a adquirir, saber-fazer, saber-pensar, saber-escutar, saber-nomear, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber- amar, saber-projetar, saber-desejar, etc.) as emergências interiores que nos dão acesso ao processo de descoberta e de pesquisa ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas” (JOSSO, 2008, p. 20).

Objetivo: Analisar as concepções, a escolha e os desafios do Ser educador para fortalecer a consciência e comprometimento profissional.

Os três módulos caracterizados como processos formativos do saber cuidar de si, do saber cuidar do outro e do saber cuidar da profissão, seguiu uma proposta cronológica e de temas após a assinatura dos documentos como: Termo de consentimento Livre e Esclarecido e Carta de aceite do uso de imagens. Vejamos a proposta de temas das oficinas:

Quadro 1: Oficinas

OFICINAS
Apresentação da proposta de estudo e pesquisa
<b>MÓDULO 1</b>
Oficina 1 – OLHAR PARA SI PRÓPRIO
Oficina 2 – O OLHAR DO QUE EU SOU E DO QUE POSSO SER
Oficina 3 – O OLHAR PARA MINHAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA
Oficina 4 – O OLHAR PARA SITUAÇÕES POSITIVAS DA MINHA VIDA
<b>MÓDULO 2</b>
Oficina 1 – RECONHECENDO O OUTRO
Oficina 2 – MINHAS AÇÕES NA RELAÇÃO COM O OUTRO
Oficina 3 – O CUIDAR NA RELAÇÃO CONSIGO PRÓPRIO, COM O OUTRO E COM O PLANETA/CÓSMICO
Oficina 4 – RELAÇÕES HUMANAS NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E DE TRABALHO
<b>MÓDULO 3</b>
Oficina 1 – CONCEPÇÕES DA PROFISSÃO
Oficina 2 – POR QUE ESCOLHI ESTA PROFISSÃO?
Oficina 3 – OS DESAFIOS DA PROFISSÃO
Oficina 4 – AS COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS À PROFISSÃO
Encontro de avaliação dos módulos

Fonte: os autores

Assim, o trabalho pedagógico de autoformação objetivou mobilizar e\ou provocar os participantes, por meio de questionamentos, à reflexão do seu eu na relação com o outro e

com o mundo. O ato reflexivo faz o sujeito voltar o seu “olhar” para suas dimensões internas (pensamentos, conceitos, sensações, sentimentos) e externas (experiências e ações cotidianas). É uma ação discursiva que o sujeito estabelece na relação com o outro, constituindo, desse modo, a percepção do que pode e deve fazer consigo mesmo. Para tanto, a reflexão como princípio da autoformação requer o despertar do espírito crítico do sujeito, no sentido de formar opiniões e juízos sobre suas relações e experiências.

A autoformação é um processo significativo para despertar os sujeitos à ampliação da consciência, ou seja, à tomada de decisões frente a maneira de ser e de se relacionar consigo mesmo e com o outro. Ela possibilita o autoconhecimento das subjetividades humanas para a constituição da sensibilização e da autotransformação do eu individual e coletivo.

Para a análise dos dados oriundos das narrativas orais e escritas e da arte vivenciada, buscamos realizar a transcrição das falas e após o mapeamento dos conteúdos como primeira redução. Posteriormente, entre releituras constituímos o segundo processo de redução dos conteúdos em que identificamos algumas repercussões e/ou contribuições do processo de autoformação.

A redução preliminar dos conteúdos permitiu algumas reflexões a partir das dimensões do cuidar de si, cuidar do outro e cuidar do profissional. Para tanto, a seguir apresentamos algumas discussões em aberto para a formação ética do ser educador.

### **Alguns apontamentos reflexivos a partir das experiências preliminares da autoformação para a promoção do saber cuidar de si, cuidar do outro e do cuidar da profissão**

É a ação comunicativa e reflexiva do sujeito consigo, com o outro e com o mundo que constitui sua sensibilização, responsabilização e humanização diante da vida. Por isso, a formação humana consiste em criar condições para que os sujeitos possam crescer e ampliar suas capacidades de viver no auto-respeito e respeito com o outro, ou ainda, na aprendizagem do saber cuidar, do saber ético.

O trabalho de autoformação constitui-se em ações de autoconhecimento e de autotransformação, processos que ocorrem, simultaneamente, na relação com o outro e promovem a construção de novas experiências, nova maneira de ser, de sentir, de significar, de relacionar-se e de agir.

Nesse sentido, Nóvoa (2009, p. 38) diz:

[...] que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de auto-reflexão e de auto-análise.

Desse modo, o autor reafirma nossas convicções sobre a importância da vivência da autoformação nos cursos de formação inicial e continuada de educadores. A educação emocional, social e profissional são dimensões que se interligam mutuamente, pois um pensar-se bem como profissional requer antes o pensar-bem na relação do Eu consigo mesmo e na relação com o outro.

A formação emocional e a formação social implicam diretamente na formação profissional, pois o trabalho que o Eu passa a realizar na e com a sociedade reflete a sua subjetividade e, essa afetará outras subjetividades. Tal afetação exige o comprometimento, a responsabilidade e a solidariedade; isso é a ética.

A contínua caminhada para o processo de autoconhecimento nos permite melhorar nossas decisões emocionais no sentido do autocontrole, da automotivação, da persistência na construção de novas ações e atitudes. Aprendemos a reavaliar constantemente nossas posturas diante de si mesmo e do outro. Nessa perspectiva, afirma Goleman (1997, p. 20):

[...] há cada vez mais provas de que as posições éticas fundamentais que tomamos na vida decorrem de capacidades emocionais subjacentes. Para começar, o impulso é o meio através do qual a emoção se exprime; a semente de todo o impulso é um sentimento que quer traduzir-se em ação. Aqueles que estão à mercê do impulso – aos quais falta o autocontrole – sofrem de uma deficiência moral; a capacidade de controlar o impulso é a base da vontade e do caráter. Do mesmo modo, a raiz do altruísmo reside na empatia, na capacidade de ler as emoções dos outros; quem é incapaz de sentir as necessidades ou o desespero de outra pessoa, não pode amar. E se há duas atitudes morais que os nossos tempos exigem, são precisamente estas, autodomínio e compaixão.

As narrativas oriundas das vivências dos módulos revelaram que o processo autoformativo é a oportunidade em que podemos nos dispor para a autoanálise e para a auto-crítica.

A autoanálise e a autocrítica permite que o sujeito vá além da observância das emoções, sentimentos e pensamentos. Ela possibilita a autoconsciência das emoções e dos sentimentos, ou ainda, a aprendizagem do autocontrole das emoções em diferentes situações, a compreensão e o acolhimento de como sou, enquanto homo demens e homo sapiens sapiens.

A auto-crítica é uma auto-ética porque nos permite impedirmos o império do narcisismo, colocando-nos na condição de aprendentes que não cessam de perguntar, de questionar e de duvidar para a prática do bem viver consigo e com o outro. Assim, a formação

ética dá-se pela capacidade de nos movermos para a autoanálise ou auto-crítica de nós mesmos. A capacidade de reavaliação do que estamos a sentir, a pensar e a fazer em nossa existência individual e coletiva.

O processo da auto-crítica foi verificado pelos participantes como uma aprendizagem que contribuiu para as suas relações cotidianas, de modo que ocorreu como diz o Educador 20:

[...] uma revisão da minha vida; tudo que sou hoje, trago das experiências vivenciadas na infância e adolescência. Ao termos algumas marcas, atitudes, manias, modos de ser oriundas das vivências passadas podemos querer ficar na zona de conforto, dizendo que sou assim porque trago as marcas do passado. Eu não posso me colocar em situação de vítima, mas tomar as rédeas da minha vida. Isso significa eu tomar as minhas decisões e não deixar que outros a façam por mim.

Nessa perspectiva, nos chama atenção Caetano (2010, p. 47-48):

caminho que o próprio educador tem de fazer dentro de si próprio. Para perceber que dentro de si, no silêncio mais profundo, no vazio aparente, ele não é, ou só é por ser em relação. E aí encontra o sentido mais belo, uma das essências da sua profissão – a relação. O assumir da relação como o cerne da educação e da vida, assumir a dádiva, a generosidade, a compaixão. Mas também assumir as suas necessidades mais pessoais, que poderá satisfazer através da relação: de receber em troca, de ser reconhecido, de ter poder sobre os outros, de que lhe guardem respeito, de ser amado. Nesta intersecção e tensão de interesses contrários precisa de desenvolver uma compreensão, de si próprio e dos outros, e uma vigilância permanente. É por essa vigilância que se poderá auto-regular.

Uma vigilância onde os seus valores lhe poderão ditar o modo como se irá comportar e aquilo que vai pedir àqueles com quem se vai relacionar. Mas esta vigilância não se faz sem conflitos. Conflitos consigo próprio, conflitos com os seus pares, conflitos com os seus alunos, conflitos com a instituição, conflitos com a comunidade próxima e distante em que actua.

A abertura para a aprendizagem da auto-crítica e da empatia na relação do Eu com o outro são passos fundamentais para a prática da ética. Pois, como diz Goleman (1997, p. 126): “A empatia está subjacente a muitas facetas do juízo e da ação moral”.

Nessa perspectiva, nas experiências com as vivências de autoformação, em que foi proposto aos participantes a escuta das narrativas, as reflexões e autoanálises do cuidado do Eu com o Outro, verificamos as aprendizagens realizadas durante o processo e os desafios de mudanças postos pelos sujeitos a eles mesmos. Vejamos algumas falas:

E15 – Ouvir, aceitar opiniões diferentes.

E 4 - Posso ser mais compreensiva, tentar entender os motivos que levaram o outro a magoar. Posso ser menos dura comigo mesma e com o próximo cada vez que ocorra uma mágoa.

E10: Escutar o outro.

E1: Comprometimento; respeito às individualidades dos outros; responsabilidade; aceitar opiniões diferentes das nossas.

E4: Deixar de somente ver defeitos nos outros.

E6: Diálogo; respeito pelos alunos e pelos colegas de profissão; trabalho em equipe; respeitar a opinião de todos, bem como valorizá-la; compartilhar experiências; auxiliar a quem está precisando de uma orientação; [...].

E14: [...] dialogar e repensar certas atitudes e preconceitos.

Então, a partir do diálogo em que ocorre o respeitoso relacionamento, a acolhida da diversidade inerente tanto ao Eu quanto ao Outro, que vamos construindo a experiência ética nas relações, qual se efetiva em processo diário e permanente.

A ética nas relações, algo tão precioso nos dias de hoje, requer a predisposição do Eu a caminhar para além das questões morais próprias ou da sociedade, no sentido do sair de si mesmo ao encontro do outro. Esse caminhar em direção ao encontro do outro vai exigindo e colocando o Eu no processo da aprendizagem do Ser ético.

### **Considerações Finais**

Nas vivências de autoformação com sujeitos em processo de formação inicial e de formação continuada, para além da reflexão do cuidar de si e do cuidar do outro, é necessária a reflexão sobre a profissão de ser educador, na perspectiva da construção do profissional como intelectual emancipado e ético.

O trabalho do educador, como intelectual emancipado, é revestido de profissionalidade e profissionalismo. Se uma dessas dimensões, profissionalidade ou profissionalismo, não estiver presente corre-se o risco da alienação de si e com o outro.

Por isso, cuidar da profissão tem haver com a nossa capacidade de comprometimento e responsabilidade de colocarmos-nos a serviço junto e para com o outro. É a presentificação do Eu profissionalidade e profissionalismo no grupo social. A profissionalidade, conforme Estrela (2015) é o conjunto articulado de saberes, saberes-fazer e atitudes, e profissionalismo pressupõe o domínio e o correto exercício da profissionalidade, que traz em si os aspectos éticos e deontológicos.

Para a construção da ética nos processos formativos e educativos, é fundamental que o humano seja posto como princípio. Pois, como diz Baptista (2005, p. 97):

pensar a relação entre ética e educação significa valorizar a centralidade do humano em todas as dimensões do processo pedagógico, incluindo entre estas as que se referem aos aspectos organizacionais e administrativos que, em nosso entender, não podem ser dissociados das funções pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Isabel. **Dar Rosto ao Futuro** – A educação como compromisso ético. Porto: Profedições, 2005.

CAETANO, Ana Paula Viana. Ética da rel (ig) ação e da responsabilidade. In: AFONSO, Maria Rosa; ESTRELA, Maria Teresa. **Projecto “Pensamento ético-deontológico de professores”**. Formação ético-deontológico de professores – Textos de apoio. Lisboa: EDUCA, 2010. p. 46-48

ESTRELA, Maria Teresa. Antecedentes do Projecto Ira – Origens e evolução de um projecto de investigação. In: CAETANO Ana Paula; RODRIGUES, Ângela; ESTEVES, Manuela (Orgs.). **As ciências da educação na obra de Maria Teresa Estrela**. Lisboa: Educa, 2015.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Lisboa: Temas e Debates e Círculos de Leitores, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

\_\_\_\_\_. A realização do ser humano como processo de transformação da consciência: ensinar, acompanhar e aprender: um mesmo desafio para uma vida em ligação. In: TRAVERSINI, Clarice; EGGERT, Edla; PERES, Eliane; BONIN, Iara (Orgs.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas**. XIV ENDIPE: Livro 2, Porto Alegre: edIPUCRS, 2008.

LOSS, Adriana Salete. **A humana complexidade** – O caminhar para si e recriar o sentido da vida. Curitiba: Appris, 2014.

MATURANA, Humberto; et al (Orgs.). **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1997.

MORIN, Edgar. **O Método 5: O Método 6: Ética**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Método 3** – O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NÓVOA, A. **Professores Imagens do futuro presente**. Educa: Lisboa, 2009.